

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Temperamento Materno, Práticas Educativas e Problemas
de Adaptação em crianças dos 3 aos 5 anos**

Joana Sacramento Simões de Amorim

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença)**

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Temperamento Materno, Práticas Educativas e Problemas
de Adaptação em crianças dos 3 aos 5 anos**

Joana Sacramento Simões de Amorim

Dissertação orientada pela Professora Doutora Luísa Barros

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença)**

2016

*Photography is a small voice, at best, but sometimes one photograph, or a group of
them, can lure our sense of awareness.*

William Eugene Smith

AGRADECIMENTOS

À professora doutora, Luísa Barros, minha orientadora, pela disponibilidade, exigência e capacidade de criticar gerando motivação. Acima de tudo, por ser o tipo de pessoa que, após uma reunião acerca da dissertação de três horas, telefona para que não me esqueça de um pormenor.

À professora Ana Rita Goes pelo impulso nesta dissertação e à professora Ana Isabel Pereira pelo fulcral apoio estatístico.

À minha mãe, a quem dedico esta percurso, por me dizer “*Acredita, trabalha e...força!*” quando nem tudo parecia brilhar e por me dar espaço e tempo para viver e sentir sem pressas.

À minha irmã e a sua subtileza e ternura que me faz querer chegar mais longe. À Vanda, por ser o meu pilar, pelo sentido crítico que me incute e por potenciar o meu *eu* através do desconhecido. Ao meu pai, pelos sucessivos incentivos à criação e por ter a capacidade de se deslumbrar com a natureza em cada piscar de olhos.

À minha família que presenciou todo este percurso, em particular às minhas tias e à minha prima Inês, por serem tão diferentes e de uma beleza extraordinária no que toca a amar e dedicar tempo ao outro.

Aos meus amigos: os que já levei para a faculdade, Tânia, Marta, Inês, Filipa, Clárisse e Camilo, e os que fiz neste percurso tão rico, Débora, Joana, Dulce, Rita e Cláudia. A vocês, por me permitirem lidar com pessoas com valores tão admiráveis.

Por último, a todas as mães que contribuíram para este estudo, bem como à coordenadora e educadoras do Centro Social e Paroquial de Alfornelos pelo interesse e envolvimento.

Mais palavras continuarão a ser insuficientes,
A todos um genuíno obrigada.

RESUMO

A parentalidade resulta de múltiplas influências, que interagem entre si, como o temperamento da mãe, o comportamento da criança, e o contexto onde ocorre esta interacção.

Este estudo tem como principais objectivos avaliar a relação a) entre temperamento materno e as práticas educativas utilizadas pela mãe, b) entre as práticas educativas maternas e os problemas de adaptação da criança, c) entre o temperamento materno e os problemas de adaptação da criança, num grupo de mães e crianças em idade pré-escolar (3 aos 5 anos). Pretendeu-se ainda avaliar a relação entre o nível de escolaridade materna e as práticas educativas utilizadas, assim como averiguar se as mães com um filho e as mães com mais filhos reportam práticas educativas diferentes, em crianças entre os 3 aos 5 anos. Foram aplicados quatro instrumentos: questionário para recolha de dados sociodemográficos, - Questionário de Temperamento do Adulto - Versão Breve para avaliar o temperamento da mãe, o Questionário de Práticas Parentais para as práticas educativas maternas, e *Child Behavior Checklist 1^{1/2} – 5 anos* para avaliar os comportamentos de adaptação da criança. A amostra foi constituída por um total de 196 crianças entre os 3 e os 5 anos e as respectivas mães, pertencentes à zona da Grande Lisboa e Santarém.

Os resultados indicam que a) mães com maior controlo com esforço tendem a utilizar mais a monitorização, enquanto mães mais extrovertidas utilizam mais práticas disciplinares rígidas e/ou inconsistentes; b) o afecto negativo materno associa-se a problemas de externalização e internalização da criança; c) as práticas positivas associam-se a menos problemas de internalização e as práticas negativas a mais problemas de externalização. A maior parte dos resultados obtidos vai ao encontro da literatura existente ainda que com correlações fracas a moderadas.

Este estudo contribui para o conhecimento sobre as relações entre a auto-regulação materna, as estratégias educativas e a adaptação da criança pré-escolar, podendo contribuir para informar o desenvolvimento de intervenções parentais.

Palavras-chave: Temperamento materno, Adaptação da criança, práticas educativas parentais, pré-escolar.

ABSTRACT

Parenthood is the result of multiple factors, which interact with each other, such as the mother's temperament, the child's behaviour and the context in which this interaction occurs.

The main goals of this study are the assessment of the relationship a) between maternal temperament and the parenting practices used by the mother, b) between maternal parenting practices and child adjustment problems, c) between maternal temperament and child adjustment problems, in a group of mothers and preschool-age children (three to five years old). The study sought also to assess the relationship between the schooling level of the mother and her parenting practices, as well as to ascertain if mothers with a single child and mothers with more than one child report different parenting practices, in children between three to five years of age. Four instruments were applied: a questionnaire to collect socio-demographic data, the Adult Temperament Questionnaire [Portuguese version] to assess the mothers' temperament, the Parenting Practices Questionnaire [Portuguese version] to describe maternal educational practices, and the Child Behaviour Checklist, 1.5 - 5-year-olds, to evaluate child adjustment problems. The sample comprised 196 children from three to five years old, and their respective mothers, living in the district of Lisbon and in Santarém.

The results show that a) mothers with a effortful control tend to use more monitoring, whereas mothers that are more extrovert make more use of rigid and/or inconsistent disciplinary practices; b) maternal negative affection is associated with the child's problems in externalising and internalising; c) positive practices are associated with fewer internalising problems, whereas negative practices are associated the more externalising problems. Most results support the existing literature on the subject, despite showing weak to moderate correlations.

This study contributes to increase the knowledge on the relationships between maternal self-regulation, parenting strategies and preschool child adjustment, and may assist the development of interventions with parents.

Key-words: maternal temperament, children adaptation, parenting practices, preschool.

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I. Protocolo de Consentimento Informado e explicação sumária da investigação.....	38
--	----

ÍNDICE

RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE DE ANEXOS	v
ÍNDICE.....	vi
ÍNDICE DE TABELAS	viii
Introdução	1
1. Enquadramento Teórico.....	2
1.1. Problemas de adaptação da criança.....	2
1.2. Práticas Educativas Parentais.....	3
1.3. Práticas educativas parentais e adaptação da criança	4
1.4. Temperamento Materno.....	5
1.5. Temperamento Materno, Práticas Educativas e Problemas de Adaptação da Criança	6
2. Metodologia.....	9
2.1. Caracterização da população e da amostra	9
2.2. Instrumentos.....	9
2.2.1. Informação Sociodemográfica	9
2.2.2. Temperamento Materno – <i>Adult Temperament Questionnaire – Short Form (ATQ-SF)</i> , de Evans e Rothbart (2007)	9
2.2.3. Práticas Educativas Maternas – Questionário de Práticas Parentais (<i>PPI – Webster-Stratton, 1998</i>), versão portuguesa de M. Gaspar e P. Santos (2008)	12
2.2.4. Adaptação da Criança - <i>Child Behavior Checklist 1^{1/2} – 5 anos (CBCL 1.5 – 5y)</i> , de Achenbach e Rescorla (2000), versão portuguesa de Gonçalves, Dias, e Machado (2007)	13
2.3. Procedimento	14
2.4. Procedimento de Análise de Dados	15
3. Resultados	16
3.1. Estudos preliminares dos instrumentos.....	16
3.1.1. <i>Adult Temperament Questionnaire – Short Form (ATQ-SF)</i>	16
3.1.2. <i>Child Behavior Checklist 1^{1/2} – 5 anos (CBCL1.5-5y; N=191)</i>	16
3.1.3. Questionário de Práticas Parentais (<i>PPI</i>).....	17
3.2. Análise Descritiva.....	18
3.2.1. Caracterização dos problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar	18

3.2.2. Caracterização das práticas educativas maternas	19
3.2.3. Caracterização do temperamento materno	20
3.3. Análise Correlacional.....	21
3.3.1. Associação entre problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar (CBCL 1 ^{1/2} – 5 anos) e práticas educativas maternas (PPI)	21
3.3.2. Associação entre práticas educativas maternas (PPI) e temperamento materno (ATQ-SF)	23
3.3.3. Associação entre temperamento materno (ATQ-SF) e problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar (CBCL 1 ^{1/2} – 5 anos)	24
4. Discussão	27
4.1. Caracterização do temperamento materno, práticas educativas utilizadas e problemas de adaptação da criança.....	27
4.2. Relações entre as variáveis em estudo	28
5. Conclusões.....	31
Referências	33
Anexos.....	39
Anexo I. Protocolo de Consentimento Informado e explicação sumária da investigação.....	40

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Escalas, consistência interna, subescalas e exemplos de itens para o ATQ-SF.....	10
Tabela 2. Consistência Interna e exemplos de itens das subescalas para o PPI.....	12
Tabela 3. Escalas, consistência interna, subescalas e exemplos de itens para o CBCL 1.5-5 .	13
Tabela 4. Consistência Interna do ATQ-SF (N=179)	16
Tabela 5. Consistência Interna CBCL 1 ^{1/2} – 5 anos.....	16
Tabela 6. Consistência Interna Questionário de Práticas Parentais (N=178)	17
Tabela 7. Medidas de tendência central e dispersão do CBCL 1.5-5y	18
Tabela 8. Correlações Inter-Subescalas do CBCL 1.5-5y	18
Tabela 9. Medidas de tendência central e dispersão do PPI	19
Tabela 10. Correlações Inter-Subescalas PPI	20
Tabela 11. Medidas de tendência central e dispersão do ATQ-SF	21
Tabela 12. Correlações Inter-Subescalas do ATQ-SF	21
Tabela 13. Correlações entre as escalas do CBCL 1.5 -5 e PPI.....	22
Tabela 14. Correlações entre as escalas do PPI e ATQ-SF	23
Tabela 15. Correlações entre as subescalas do CBCL 1.5-5 e ATQ-SF.....	24
Tabela 16. Teste U de Mann-Whitney para a escolaridade das mães e práticas educativas....	25
Tabela 17. Teste U de Mann-Whitney para o número de filho e as práticas educativas	25

Introdução

O presente estudo surge no âmbito do projecto de dissertação para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde no Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença. Integra o projecto de investigação *Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar* que visa explorar a relação entre as características das mães, as estratégias educativas e os problemas emocionais e comportamentais em crianças.

Este estudo teve como objectivo principal avaliar a relação entre o temperamento materno, as práticas educativas utilizadas pela mãe e os problemas socioemocionais e comportamentais de crianças entre os 3 aos 5 anos. O trabalho encontra-se organizado em três grandes secções: O *enquadramento teórico*, onde é apresentada a literatura acerca das temáticas deste estudo e os objectivos estabelecidos; a *metodologia*, onde é caracterizada a amostra e descritos os instrumentos, o procedimento de recolha de dados e tratamento estatístico, os *resultados*, em que são apresentados os valores da análise dos questionários, bem como das associações que se estabelecem entre as variáveis, e, por fim, a *discussão dos resultados e conclusão*, que inclui também as limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Problemas de adaptação da criança

A idade pré-escolar é caracterizada por um rápido desenvolvimento da criança (Shala & Dharmo, 2013). Segundo Achenbach (1982, p.54) é no período pré-escolar que ocorre a adaptação a um mundo social mais amplo, isto é, que vai além do círculo familiar. A criança adquire hábitos sociais, auto-controlo, competências motoras e os conceitos de cooperação e competição, bem como desenvolve orgulho no que cria, a capacidade de evitar o perigo e a curiosidade sexual.

As mudanças desenvolvimentistas que ocorrem no período pré-escolar podem resultar num percurso positivo e adaptativo, ou gerar problemas de adaptação comportamental e socioemocional (Campbell, 1995).

Segundo Gardner e Shaw (2008), os comportamentos disruptivos e os problemas emocionais são duas das problemáticas mais prevalentes entre os 0 e os 5 anos de idade. Como tal, definem os *comportamentos disruptivos* como um conjunto de sintomas oposicionais e atencionais, e os *problemas emocionais* como um grupo de sintomas de tipo depressivo e ansioso. Estas problemáticas poderão ser enquadradas naquilo que mais frequentemente se designa por *problemas de externalização*, de natureza interpessoal e que incluem agressões físicas e verbais, comportamentos de oposição, de destruição, anti-sociais, desafiantes e hiperactivos bem como sentimentos de raiva e irritabilidade; e *problemas de internalização*, expressos ao nível intrapessoal, como ansiedade, depressão, isolamento social, tristeza, medo e dificuldades de lidar com situações que exijam participação social (Ollendick & King, 1994; Eisenberg et al., 2005; Shala, 2013; Shala & Dharmo, 2013).

Os problemas de externalização podem diminuir a qualidade da saúde mental da criança, conduzir ao baixo rendimento escolar e, posteriormente, a abuso de substâncias e criminalidade (Stormshak, Bierman, McMahon, & Lengua, 2000). Os problemas de internalização limitam o contacto com os pares e a participação em actividades de aprendizagem, e reduzem a qualidade de vida futura na idade adulta (Burlaka, Bermann & Graham-Bermann, 2014).

Segundo Egger e Angold (2006), nas crianças pré-escolares a taxa de prevalência de perturbações do tipo emocional é de 10,5%, do tipo comportamental 9,0% e 16,2% para a totalidade das perturbações, de acordo com os critérios do DSM-IV. Em estudos comparativos

entre países, os valores médios de prevalência dos problemas comportamentais e emocionais em crianças pré-escolares em Portugal são semelhantes aos das restantes comunidades analisadas noutros países (Rescorla et al., 2011; Rescorla et al., 2012). Os problemas de comportamento externalizante apresentam uma maior prevalência face aos de internalização, por serem mais facilmente visíveis, quantificáveis e diagnosticáveis (Rescorla et al., 2011; Rescorla et al., 2012; Gardner & Shaw, 2008). As dificuldades das crianças mais novas na comunicação das suas emoções e os obstáculos colocados pelos adultos no reconhecimento de determinados comportamentos como problemáticos constituem argumentos para a menor prevalência de problemas de internalização (Gardner & Shaw, 2008).

A relação entre o género das crianças e o tipo de problemas de adaptação não reúne consenso na literatura: alguns autores defendem que os rapazes tendem a exibir mais problemas de externalização e as raparigas de internalização (Abdi, 2008; Bates, Maslin & Frankel, 1985; Olson & Rosenblum, 1998; Rothbaum & Weisz, 1994; Stormshak et al., 2000), enquanto Burlaka et al. (2014) defendem que os rapazes apresentam mais problemas de ambos os tipos. Stormshak et al. (2000) apontam os instrumentos de medida utilizados como possível causa das diferenças encontradas na literatura e sugerem mais investigação para clarificar esta questão.

1.2. Práticas Educativas Parentais

As competências de adaptação da criança são influenciadas por diversos factores, como a parentalidade e, com particular interesse para este estudo, a relação que se estabelece entre a mãe e a criança (Atzaba-Poria, Deater-Deckard, & Bell, 2014), dada a influência da mãe nas experiências precoces da criança (Schaffer, 1991) e no bem-estar social, emocional e intelectual (Côté, Vaillancourt, LeBlanc, Nagin & Tremblay, 2006; Jester et al., 2005; Shaw, Dishion, Supplee, Gardner & Arnds, 2006; Schaffer, 1991). Uma das dimensões mais estudadas da parentalidade são as práticas parentais.

Darling e Steinberg (1993) definem práticas parentais como *“comportamentos específicos dirigidos a um objectivo de socialização, como desenvolver a auto-estima ou potenciar o sucesso escolar, através dos quais os pais desempenham os seus deveres”*.

A literatura da área apresenta diversas conceptualizações sobre as práticas parentais (e.g. Stormshak et al., 2000; McLeod, Weisz, & Wood, 2007; Hoeve, et al., 2009). Segundo Stormshak et al. (2000), existem cinco tipos de práticas parentais: disciplina punitiva (que

inclui gritar, irritar e ameaçar), inconsistência, envolvimento positivo e caloroso, agressão física (bater) e espancar (agressão física de extrema violência).

Neste estudo é utilizada uma tipologia que organiza as práticas parentais em sete dimensões: Disciplina Apropriada, Disciplina Rígida e Inconsistente, Disciplina Verbal Positiva, Monitorização, Punição Física, Elogios e Incentivos e Expectativas Claras (Webster-Stratton, Reid, & Hammond, 2004). Gaspar e Paiva (s.d.) organizam estas práticas educativas em positivas e negativas. As práticas educativas negativas podem gerar na criança sentimentos de incompetência (Sachs-Ericsson, Verona, Joiner, Preacher, 2006) e outras dificuldades psicológicas (Mackenbach et al., 2014) que podem manter-se ao longo do desenvolvimento (Campbell, 1995). As práticas educativas positivas promovem o desenvolvimento de competências de negociação e resolução de problemas, o que facilita os relacionamentos interpessoais (Stormshak et al., 2000).

Rothbart e Maccoby (1966) sugerem que as práticas educativas maternas variam em função do sexo da criança, sendo que as mães de rapazes tendem a utilizar uma abordagem educativa mais permissiva comparativamente às de raparigas.

1.3. Práticas educativas parentais e adaptação da criança

A qualidade da parentalidade faz parte de um vasto leque de factores que influenciam a adaptação da criança (Gardner & Shaw, 2013), o que confere aos pais um papel activo e importante em intervenções à prevenção e identificação de problemas na criança (Belsky, 1984; Nixon, 2002; Hanisch et al., 2010).

Goodman (1997) propõe um modelo baseado na investigação longitudinal de Deater-Deckard e Dodge sobre a adaptação das crianças (inserida no *Child Development Project*, de Dodge, Bates, & Pettit, 1990), que enfatiza que o temperamento da criança e o contexto influenciam a parentalidade, o que por sua vez, se relaciona com o desenvolvimento de problemas de comportamento externalizante na criança.

As práticas parentais positivas, como o envolvimento parental, estão inversamente correlacionadas com os problemas de externalização e internalização das crianças (Atzaba-Poria et al., 2014; Tichovolsky, Arnold & Baker, 2013; Stormshak et al., 2000). As práticas educativas negativas, de que são exemplo as práticas inconsistentes ou agressivas, estão positivamente correlacionadas com problemas de adaptação da criança (Stormshak et al., 2000; Atzaba-Poria et al., 2014). Webster-Stratton (2011) afirma que práticas parentais permissivas,

inconsistentes, rígidas e baixa monitorização estão associadas ao desenvolvimento de problemas de externalização na criança.

1.4. Temperamento Materno

No modelo socio-contextual da parentalidade de Belsky (1984) são enfatizados três determinantes das práticas educativas parentais: os factores individuais parentais (e.g. personalidade, temperamento e psicopatologia), as características da criança e os aspectos do contexto social. Neste estudo, será utilizado o temperamento do adulto, em particular, da mãe, variável sobre a qual a literatura escasseia.

De entre os vários autores de modelos de temperamento, Rothbart apresenta uma abordagem integrada do temperamento, ao admitir mudanças ao longo do tempo, o que torna um conceito dinâmico (Putnam & Stifter, 2008). De acordo com esta visão psicobiológica de Rothbart (Rothbart, Derryberry, & Posner, 1994) temperamento é definido como as diferenças individuais na reactividade e auto-regulação, de base constitucional. Por constitucional entende-se a composição biológica relativamente duradoura do organismo, influenciada ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência. A reactividade refere-se à excitabilidade e responsividade dos sistemas comportamentais e fisiológicos do organismo. Pode ser positiva ou negativa e medida através de parâmetros que descrevem a reactividade comportamental, autónoma, endócrina e a resposta do sistema nervoso central. Os diferentes componentes de resposta são medidos com recurso ao tempo de latência, intensidade, tempo de recuperação, etc., como o ritmo cardíaco ou a actividade motora (Rothbart, Ahadi & Evans, 2000; Goldsmith et al., 1987). A auto-regulação refere-se aos processos neuronais e comportamentais cujo propósito é modular a reactividade (Rothbart & Derryberry, 1981 cit. por Rothbart et al., 2000), como a abordagem, evitamento, inibição e auto-regulação atencional (Rothbart, 2004).

O temperamento contempla quatro grandes dimensões: Afecto Negativo, associado ao medo, raiva, tristeza e desconforto (Rothbart, 2012); Extroversão, relacionada com emocionalidade positiva, impulsividade, envolvimento em actividades que impliquem correr riscos e satisfação derivada da interacção social (Rothbart, 2012; Evans & Rothbart, 2007); Controlo com Esforço, que consiste na capacidade de selecção do caminho a seguir em situações de conflito, planeamento do futuro e detecção de erros (Rothbart, 2007); e Sensibilidade Orientadora, que inclui percepções e pensamentos periféricos à tarefa a decorrer (Evans & Rothbart, 2009).

Em investigação com adultos e comparativamente ao temperamento, o conceito de personalidade tem sido mais utilizado, por reunir maior consenso na operacionalização e acesso facilitado a instrumentos de medida robustos do ponto de vista psicométrico. O Modelo dos Cinco Factores é uma organização abrangente da estrutura dos traços da personalidade em cinco grandes factores (Lima & Simões, 2000): Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Agradabilidade e Conscienciosidade (McRae et al., 2000; Evans & Rothbart, 2009).

A personalidade inclui características como cognições específicas, crenças, valores (Evans & Rothbart, 2007), traços disposicionais, atributos de adaptação ao contexto e narrativas pessoais (McAdams & Pals, 2006). Assim, a personalidade é influenciada pelo temperamento, e a reactividade e auto-regulação surgem como dimensões comuns entre os dois constructos (McAdams & Pals, 2006).

A interligação conceptual entre temperamento e personalidade (Rothbart et al., 2000) é apoiada pela existência de correlações entre as escalas dos constructos. Foram encontradas correlações significativas positivas entre Neuroticismo e Afecto Negativo – possivelmente devido às semelhanças nos níveis de *distress* e irritabilidade presentes em ambos os traços – (Watson & Clarke, 1992; Evans & Rothbart, 2007); Abertura à Experiência e Sensibilidade Orientadora; Extroversão como escala da personalidade e Extroversão temperamental; e, Conscienciosidade e Controlo com Esforço; Foram encontradas correlações negativas entre Neuroticismo e Controlo com Esforço (Evans & Rothbart, 2007; Evans & Rothbart, 2009).

1.5. Temperamento Materno, Práticas Educativas e Problemas de Adaptação da Criança

A investigação sobre o temperamento materno no contexto da parentalidade é escassa, pelo que serão descritos os principais estudos.

Lee, Cloninger, Park, e Chae (2015) avaliaram traços de carácter e de temperamento dos pais (com recurso ao instrumento *Temperament and Character Inventory*) e problemas de adaptação da criança na idade pré-escolar (avaliado através do *Child Behavior Checklist 1.5-5y*). Os resultados apontam que, em relação à figura materna, o traço de temperamento evitamento de danos (que inclui preocupações antecipatórias, medo da incerteza, timidez com estranhos e fadiga) e o traço de carácter auto-transcendência (inclui o esquecimento do próprio, identificação transpessoal e aceitação espiritual) estão positivamente correlacionados com problemas de adaptação da criança (Externalização, Internalização e Problemática Total). O

traço de carácter auto-direccionamento (inclui responsabilidade, intencionalidade, expediente, auto-aceitação e congruência) está associado a menos problemas de adaptação na criança.

Na literatura, o conceito de personalidade do adulto é mais utilizado face ao de temperamento quando o objectivo é relacionar características dos pais com problemas de adaptação da criança. Belsky e Barends (2002) verificaram que uma parentalidade eficaz se relaciona com baixo neuroticismo e elevada extroversão, agradabilidade, abertura à experiência, conscienciosidade e auto-estima, bem como *locus* de controlo interno.

Aken et al. (2007) avaliaram a relação entre traços de personalidade dos pais e problemas de externalização na criança. Concluem que o traço de personalidade materno *Estabilidade Emocional* (capacidade para controlar impulsos e lidar eficazmente com *stressores*) influencia o comportamento agressivo da criança através do impacto em práticas educativas de suporte, i.e., a menor estabilidade emocional implica que é dado menor apoio à criança, o que origina um aumento dos problemas de comportamento agressivo. Enfatizam também que a falta de estrutura enquanto prática educativa (que inclui as escalas *permissividade*, em que os pais fornecem uma disciplina permissiva e inconsistente; *hiper-reatividade*, tendência que os pais têm para reagir aos comportamentos inadequados da criança de forma desestruturada e exagerada; e *inconsistência* relacionado com a aplicação da disciplina) está significativa e positivamente relacionada com comportamentos agressivos da criança. Encontraram ainda uma associação negativa entre práticas educativas de suporte/apoio e problemas agressivos na criança.

Atzaba-Poria et al. (2014) avaliaram as relações que se estabelecem entre temperamento materno, positividade/negatividade materna (i.e., práticas educativas positivas ou negativas, respectivamente) e problemas de comportamento da criança dos três aos sete anos. Verificaram que os problemas de comportamento da criança estão, por um lado, negativamente correlacionados com a dimensão de temperamento materno Controlo com Esforço e com práticas educativas positivas. Por outro lado, correlacionam-se positivamente com a dimensão temperamental Afecto Negativo e práticas educativas negativas. As autoras concluem que práticas negativas se correlacionam com menor controlo com esforço e maior afecto negativo (como traços de temperamento maternos).

Tendo em conta a escassez de literatura relevante sobre a relação entre o temperamento materno, as práticas mais usadas pelas mães e a adaptação dos filhos, o presente estudo teve como objectivos avaliar a relação a) entre temperamento materno e as práticas educativas utilizadas pela mãe, b) entre as práticas educativas maternas e os problemas de adaptação da criança, c) o temperamento materno e os problemas de adaptação da criança, num grupo de

mães e crianças em idade pré-escolar (3 aos 5 anos). Pretendeu-se ainda avaliar a relação entre o nível de escolaridade materna e as práticas educativas utilizadas, assim como averiguar se as mães com um filho e as mães com mais filhos reportam práticas educativas diferentes.

2. Metodologia

2.1. Caracterização da população e da amostra

Para este estudo, a população alvo foi um grupo de crianças do ensino pré-escolar entre os 3 e os 5 anos e as respectivas mães. Para a selecção da amostra, de tipo comunitária, não-aleatória e de conveniência, os critérios de inclusão utilizados foram ser crianças a frequentar instituições de cuidados para a infância, filhos/as biológicos/as a coabitar com a mãe e mães que aceitassem participar na investigação. Os critérios de exclusão estabelecidos foram a deficiência cognitiva de mães ou crianças e/ou mães que não possuissem domínio razoável da língua portuguesa, identificadas pelo estabelecimento escolar.

O total de crianças foi de 196, sendo que existem diferenças no total de participantes que preencheu cada um dos instrumento ($N(ATQ-SF)=179$; $N(CBCL)=191$; $N(PPI)=178$). A amostra total ficou constituída por 91 raparigas e 84 rapazes, sendo o sexo de 4 participantes desconhecido. A distribuição das idades foi de 20.1% de crianças com 3 anos, 39.7% com 4 anos, 33% com 5 anos e 7.3% com 6 anos ($M=4.27$; $DP=.87$). As mães tinham idades compreendidas entre os 22 e 46 anos ($M=36.11$; $DP=4.32$).

2.2. Instrumentos

Foram utilizados quatro questionários de auto e hetero-relato, dado que permitem uma recolha de grande quantidade de informação num período de tempo relativamente curto face a outros tipos de instrumentos.

2.2.1. Informação Sociodemográfica

No questionário de dados sociodemográficos, foram contempladas questões sobre a criança, como idade, sexo, número de irmãos e posição na fratria, e os pais como idade, estado civil e escolaridade.

2.2.2. Temperamento Materno – *Adult Temperament Questionnaire – Short Form (ATQ-SF)*, de Evans e Rothbart (2007)

O temperamento da mãe foi avaliado com recurso ao ATQ-SF - Questionário de Temperamento do Adulto - Versão Breve (traduzido e Adaptado com autorização dos autores por Barros, Goes & Pereira, 2014), um questionário de auto-relato aplicável a indivíduos de idade igual ou acima dos 18 anos desenvolvido com base no modelo psicobiológico de temperamento de Rothbart e adaptado do *Physiological Reactions Questionnaire* criado por Derryberry e Rothbart (1988).

Este instrumento apresenta 77 itens, respondidos numa escala de *Likert* de 7 pontos, em que 1 corresponde a “Totalmente falsa para me descrever” e 7 a “Totalmente verdadeira para me descrever”, existindo ainda a opção de “Não se Aplica” para situações que não se adequem ao participante. O questionário está organizado em 4 dimensões, cada uma das quais integra diversas subescalas, conforme se apresenta na Tabela 1. Na versão original os valores de consistência interna para as 4 dimensões são aceitáveis (Ver tabela 1).

Tabela 1. Escalas, consistência interna, subescalas e exemplos de itens para o ATQ-SF

Domínio	α	Escalas associadas, definição e exemplo de item
Afecto Negativo	.73	Medo: afecto negativo devido à antecipação de <i>distress</i> . “1. Eu assusto-me facilmente.”
		Tristeza: afecto negativo e diminuição da energia associada à exposição ao sofrimento, desilusão e perda de objectos. “65. Quando oiço falar de um acontecimento infeliz, sinto-me imediatamente triste.”
		Desconforto: afecto negativo relacionado com qualidades sensoriais de estimulação, incluindo intensidade ou complexidade de estímulos visuais, auditivos, do cheiro/sabor e tacto. “4. Acho os barulhos altos muito irritantes.”
		Frustração: afecto negativo devido à interrupção de tarefas ou bloqueios de objectivos. “48. Não é preciso muito para eu ficar frustrado ou irritado.”
Extroversão	.59	Sociabilidade: Satisfação motivada pela interacção social e estar na presença de outras pessoas. “19. Geralmente gosto de falar muito.” Afecto Positivo: Latência, intensidade, duração e frequência do experienciar de prazer.

		<p>“49. <i>Não é preciso muito para eu ficar alegre.</i>”</p> <hr/> <p>Prazer de Elevada Intensidade: Prazer derivado de situações que envolvem estímulos intensos, complexos ou novos.</p> <p>“23. <i>Quando oiço música, geralmente gosto de pôr o volume mais alto do que as outras pessoas.</i>”</p>
		<p>Controlo Atencional: Capacidade de focar a atenção, bem como redireccionar o foco atencional quando desejado.</p> <p>“35. <i>Quando me interrompem ou me distraio, geralmente é fácil voltar a prestar atenção ao que estava a fazer antes.</i>”</p>
Controlo com Esforço	.60	<p>Controlo Inibitório: Capacidade de impedir comportamentos de abordagem inapropriados.</p> <p>“11. <i>Mesmo quando me sinto cheio de energia consigo ficar sentado sem grande dificuldade, se for necessário.</i>”</p>
		<p>Controlo de Activação: Capacidade de agir quando há uma forte tendência para o evitamento.</p> <p>“15. <i>Consigo continuar a fazer uma tarefa mesmo quando preferiria não o fazer.</i>”</p>
		<p>Sensibilidade Perceptiva Neutra: Detecção de estímulos de baixa intensidade provenientes quer do corpo quer do ambiente exterior.</p> <p>“21. <i>Quando estou ou ar livre ou num jardim, frequentemente reparo nos sons de pássaros à minha volta.</i>”</p>
Sensibilidade Orientadora	.69	<p>Sensibilidade Perceptiva Afectiva: Espontaneidade emocional, cognições conscientes associadas a estímulos de baixa intensidade.</p> <p>“13. <i>Geralmente dou-me conta das emoções que a música procura transmitir.</i>”</p>
		<p>Sensibilidade Associativa: Conteúdo cognitivo espontâneo não relacionado com associações expectáveis para o ambiente.</p> <p>“24. <i>Por vezes parece que compreendo as coisas de forma intuitiva.</i>”</p>

Nota: α de Cronbach retirados de Evans e Rothbart (2007).

Para este estudo serão consideradas apenas as 4 dimensões principais.

2.2.3. Práticas Educativas Maternas – Questionário de Práticas Parentais (*PPI* – Webster-Stratton, 1998), versão portuguesa de M. Gaspar e P. Santos (2008)

As práticas educativas maternas foram avaliadas através do Questionário de Práticas Parentais desenvolvido a partir de *Parent Practices Interview (PPI)* no âmbito do projecto *The Incredible Years* de Caroline Webster-Stratton da Universidade de Washington – *Parenting Clinic*. A tradução e adaptação para a população portuguesa foi realizada por Gaspar e Santos (2004).

O instrumento de auto-relato, apresentado aos cuidadores primários da criança, é constituído por 72 itens, numa escala de *Likert* de 7 pontos (1 corresponde a “*Nunca*” e 7 a “*Sempre*”). Neste estudo são utilizadas as sete subescalas originais ainda que existam resultados preliminares do estudo psicométrico da versão portuguesa (Azevedo, 2013). Na versão original, obtiveram-se valores aceitáveis a bons ao nível da consistência interna como se mostra na Tabela 2. Na tabela encontram-se também exemplos de itens que constituem cada escala.

Tabela 2. Consistência Interna e exemplos de itens das subescalas para o *PPI*

Subescalas	Alfa de <i>Cronbach</i>	Exemplos de Itens
Disciplina Apropriada	.82	11C. “Quando o seu filho/a luta, rouba ou mente, quantas vezes o castiga?”
Disciplina Rígida e Inconsistente	.80	1D. “Quando o seu filho/filha faz algo que não devia fazer, quantas vezes ameaça castigá-lo/a (mas não castiga realmente)?”
Disciplina Verbal Positiva	.75	2C. “Se o seu filho/filha bater noutra criança, quantas vezes faz com que o seu filho/a corrija o problema ou compense o mal que fez?”
Monitorização	.54	12. “Quantas horas é que o seu filho/filha ficou em casa sem a presença de um adulto nas últimas 24 horas?”

Punição Física	.76	1H. “Quando o seu filho/filha faz algo que não devia fazer, quantas vezes lhe bate?”
Elogios e Incentivos	.67	6B. “Quantas vezes elogia e dá os parabéns ao seu filho/a quando se porta bem ou faz um bom trabalho em casa ou na escola”
Expectativas Claras	.66	10C. “Eu defini de forma clara as regras e o que espero do meu filho/a quanto às tarefas que ele tem de fazer.”

2.2.4. Adaptação da Criança - Child Behavior Checklist 1^{1/2} – 5 anos (CBCL 1.5 – 5y), de Achenbach e Rescorla (2000), versão portuguesa de Gonçalves, Dias, e Machado (2007)

O questionário de hétero-relato, em que os informantes poderão ser um dos pais ou seu substituto, avalia o comportamento adaptativo de crianças com idades compreendidas entre um ano e meio e cinco anos, ao longo de 100 itens descritores de comportamentos, respondidos numa escala de *Likert* de três pontos, em que 0 corresponde a “*Não é verdadeira*”, 1 a “*De alguma forma ou algumas vezes verdadeira*” e 2 a “*Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira*” (à excepção de um item, de resposta aberta). O CBCL 1^{1/2}-5 é organizado em sete subescalas: Reactividade Emocional ($\alpha=.73$), Ansiedade/Depressão ($\alpha=.66$), Queixas Somáticas ($\alpha=.80$), Isolamento ($\alpha=.75$), Problemas de Sono ($\alpha=.78$), Problemas de Atenção ($\alpha=.68$) e Comportamento Agressivo ($\alpha=.92$), que agrupam para formar as três principais escalas utilizadas neste estudo: “Internalização”, “Externalização” e “Total de Problemas”. Na Tabela 3 são apresentadas as escalas *Internalização* e *Externalização*, as respectivas subescalas que as compõem, o coeficiente de fiabilidade na versão original (Achenbach & Rescorla, 2000) e um exemplo de um item de cada subescala uma. A escala *Total de Problemas*, um somatório das problemáticas.

Tabela 3. Escalas, consistência interna, subescalas e exemplos de itens para o CBCL 1.5-5

Domínio	Alfa de Cronbach	Escalas associadas e exemplo de item
Internalização	.89	Reactividade Emocional

		<i>“21. Fica perturbado por qualquer mudança na rotina.”</i>
		Ansiedade/Depressão <i>“33. Os seus sentimentos são facilmente magoados.”</i>
		Queixas Somáticas <i>“78. Tem dores de estômago ou cólicas (sem causa médica conhecida).”</i>
		Isolamento <i>“98. Isola-se, não se envolve com os outros.”</i>
Externalização	.92	Problemas de Atenção <i>“95. Deambula, vagueia, afasta-se.”</i>
		Comportamento Agressivo <i>“85. Tem birras, temperamento exaltado.”</i>
Total de Problemas	.95	Inclui todas as subescalas acima mencionadas, bem como a de Problemas de Sono <i>“38. Tem dificuldades em adormecer.”</i>

2.3. Procedimento

Foi solicitada autorização para a realização do estudo à Direcção Geral de Educação, bem como às escolas. Os locais de recolha da amostra foram escolas da Grande Lisboa e de Santarém entre Março e Junho de 2015.

Através das educadoras, foi enviado aos pais o consentimento informado e uma explicação sumária da investigação (Anexo 1).

Após recolha dos consentimentos informados e realização de uma reunião junto das educadoras com o propósito de informar acerca dos objectivos do estudo e do papel fundamental que viriam a desempenhar, foram entregues na escola envelopes com os instrumentos e instruções e foi solicitado aos pais que entregassem as respostas às educadoras, em envelope fechado.

As questões éticas foram salvaguardadas através da obtenção do consentimento informado, em que era assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos. Os questionários e folhas de registo foram apenas identificados por um código numérico atribuído a cada interveniente no momento da obtenção do consentimento que, quando armazenados informaticamente, não contemplam elementos identificativos dos participantes. Foi salvaguardada a possibilidade de a escola e/ou as mães interessadas receberem informações sobre os resultados do estudo.

2.4. Procedimento de Análise de Dados

Com recurso ao *Teleform*, foi realizada a leitura óptica dos instrumentos utilizados e criada a base de dados. Para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se a versão 23 do *software* de análise estatística *IBM Statistical Package for the Social Sciences – Statistics* para *Windows*.

Com o intuito de caracterizar a amostra, foram utilizadas técnicas de estatística descritiva. A análise do pressuposto da normalidade através do teste de *Kolmogorov-Smirnov* permitiu concluir que a amostra não seguia uma distribuição normal para as variáveis de problemas de adaptação da criança e práticas parentais maternas ($p < .05$), pelo que foram utilizadas técnicas não-paramétricas. Foi utilizado o coeficiente de correlação ordinal de *Spearman*, com o objectivo de explorar as correlações entre as variáveis em estudo e o teste de *Mann-Whitney*, com o objectivo de analisar as diferenças entre as práticas educativas utilizadas pelas mães e o nível de escolaridade materno e entre as práticas educativas de mães com um filho e de mães com mais do que um filho.

3. Resultados

3.1. Estudos preliminares dos instrumentos

Foi realizada a análise da distribuição das respostas e dados omissos, substituindo-se os itens omissos, quando necessário, pela média dos resultados da escala/dimensão.

Com a finalidade de verificar a fiabilidade dos três instrumentos na amostra estudada, foi calculado o coeficiente de consistência interna (*alfa de Cronbach*).

3.1.1. Adult Temperament Questionnaire – Short Form (ATQ-SF)

Para o ATQ-SF foi calculada a fiabilidade para as quatro grandes dimensões (ver Tabela 4).

Tabela 4. Consistência Interna do ATQ-SF (N=179)

	Nr. de itens	Alfa de Cronbach
Afecto Negativo	26	.80
Controlo com Esforço	19	.74
Extroversão	17	.63
Sensibilidade Orientadora	15	.69

Os valores da consistência interna variaram entre fraco (para a *Extroversão*) e bom (para o *Afecto Negativo*). No estudo original, os valores de fiabilidade foram bons (.81 para Afecto Negativo, .78 para Controlo com Esforço, .75 para Extroversão e .85 para a Sensibilidade Orientadora).

3.1.2. Child Behavior Checklist 1^{1/2} – 5 anos (CBCL1.5-5y; N=191)

Para o CBCL 1^{1/2} – 5 anos foi analisada a fiabilidade das três escalas principais e de todas as subescalas (Tabela 5).

Tabela 5. Consistência Interna CBCL 1^{1/2} – 5 anos

	Nr. de itens	Alfa de <i>Cronbach</i>
Reactividade Emocional	9	.67
Ansiedade/Depressão	8	.72
Queixas Somáticas	11	.51
Isolamento	8	.61
Problemas Sono	7	.72
Problemas Atenção	5	.57
Comportamento Agressivo	19	.88
<i>Externalização</i>	24	.89
<i>Internalização</i>	36	.84
<i>Total de Problemas</i>	99	.94

Os coeficientes de consistência interna foram fracos na subescala *Queixas Somática*, a fortes no *Total de Problemas*. Nas principais escalas que vão ser utilizadas neste estudo (*Externalização*, *Internalização* e *Total de Problemas*) os valores do alfa de *Cronbach* obtidos são bons a excelentes.

3.1.3. Questionário de Práticas Parentais (PPI)

Para o PPI o procedimento realizado foi semelhante ao dos instrumentos referidos anteriormente (ver Tabela 6).

Tabela 6. Consistência Interna Questionário de Práticas Parentais (N=178)

	Nr. de itens	Alfa de <i>Cronbach</i>
Disciplina Apropriada	12	.78
Disciplina Inconsistente	15	.75
Disciplina Verbal Positiva	9	.72
Monitorização	5	.42
Punição Física	6	.73
Elogios e Incentivos	11	.73
Expectativas Claras	6	.59

A análise de consistência interna do PPI permitiu concluir que a escala *Monitorização* apresenta um valor inaceitável. As outras têm valores entre o fraco para *Expectativas Claras* a bons para a *Disciplina Apropriada*. Dados os objectivos deste estudo optou-se por manter a

estrutura original da escala, sendo necessário prudência especial na interpretação dos resultados relacionados com as subescalas com valores de consistência interna mais baixos.

3.2. Análise Descritiva

3.2.1. Caracterização dos problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar

Foi realizada a análise descritiva para as diversas escalas dos problemas de adaptação da criança (Tabela 7).

Tabela 7. Medidas de tendência central e dispersão do CBCL 1.5-5y

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
Reactividade Emocional	191	.00	12.00	2.80	2.31
Ansiedade/Depressão	191	.00	10.00	3.14	2.45
Queixas Somáticas	191	.00	10.00	2.19	1.99
Isolamento	191	.00	9.00	1.76	1.72
Problemas de Sono	191	.00	13.00	2.98	2.51
Problemas de Atenção	191	.00	8.00	2.58	1.65
Comportamento Agressivo	191	.00	29.00	9.55	6.08
Externalização	191	1.00	36.00	12.13	7.16
Internalização	191	.00	31.00	9.88	6.49
Total de Problemas	191	4.00	108.00	33.79	18.81

A subescala *Comportamento Agressivo* apresentou a média mais elevadas das subescalas. No mesmo sentido a dimensão problemas de externalização apresentou um valor mais elevado.

Na tabela 8 são apresentadas as correlações intra-escala do instrumento de medida dos problemas de adaptação da criança.

Tabela 8. Correlações Inter-Subescalas do CBCL 1.5-5y

Ans./ Depr.	Q. Som.	Isola m.	P. Sono	P. Aten.	C. Agres .	P. Exter n.	P. Intern .	Total
----------------	------------	-------------	------------	-------------	------------------	-------------------	-------------------	-------

Reatividade Emocional	.589**	.418**	.481**	.462**	.410**	.601**	.608**	.800**	.748**
Ansiedade/Depressão		.396**	.517**	.425**	.389**	.554**	.563**	.850**	.757**
Queixas Somáticas			.319**	.326**	.173**	.333**	.324**	.664**	.527**
Isolamento				.361**	.443**	.561**	.580**	.719**	.687**
Problemas de Sono					.460**	.529**	.552**	.510**	.667**
Problemas de Atenção						.569**	.716**	.463**	.656**
Comport. Agressivo							.979**	.666**	.876**
P. Externaliz.								.675**	.896**
P. Internaliz.									.891**

** $p < .01$; * $p < .05$

Verificou-se que todas as relações inter-subescalas são significativas e positivas, e variam entre moderadas para *Queixas Somáticas e Problemas de Sono* a fortes para *Problemas de Externalização e Comportamento Agressivo*.

3.2.2. Caracterização das práticas educativas maternas

No Questionário de Práticas Educativas, obtiveram-se valores mais elevados na subescala *Monitorização* e valores mais baixos na *Punição Física* (tabela 9).

Tabela 9. Medidas de tendência central e dispersão do PPI

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
Disciplina Apropriada	178	2.17	6.08	3.87	.85
Disciplina Rígida e Inconsistente	178	1.33	4.67	2.77	.57
Disciplina Verbal Positiva	178	3.33	6.89	5.43	.68
Monitorização	178	2.20	7.00	5.93	.80
Punição Física	178	1.00	5.00	1.76	.67
Elogios e Incentivos	178	2.09	6.00	4.05	.79

Expectativas Claras	178	1.83	6.50	4.17	.80
---------------------	-----	------	------	------	-----

Na tabela 10 são apresentadas as correlações que se estabelecem entre as subescalas do Questionário de Práticas Parentais.

Tabela 10. Correlações Inter-Subescalas PPI

	Disciplina Rígida e Inconsistente	Disciplina Verbal Positiva	Monitorização	Punição Física	Elogios e Incentivos	Expectativas Claras
Disciplina Apropriada	.047	.241**	.045	.312**	.053	.436**
Disciplina Rígida e Inconsistente		-.202**	-.148*	.334**	.043	-.029
Disciplina Verbal Positiva			.146*	-.081	.249**	.174*
Monitorização				-.176**	-.037	-.031
Punição Física					.160*	.230**
Elogios e Incentivos						.182**

** $p < .01$; * $p < .05$

Na tabela 10 é possível observar que a disciplina apropriada está associada positivamente a expectativas claras, bem como punição física e disciplina rígida e inconsistente, e disciplina verbal positiva se associa negativamente a disciplina rígida e inconsistente, tal como ocorre entre punição física e monitorização.

3.2.3. Caracterização do temperamento materno

Na Tabela 11 são apresentados o número de sujeitos, as médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos para cada escala do ATQ-SF na amostra comunitária.

Tabela 11. Medidas de tendência central e dispersão do ATQ-SF

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
Controlo com Esforço	179	2.37	6.47	4.73	.66
Extroversão	179	2.59	6.35	4.38	.64
Afecto Negativo	179	2.08	5.96	4.17	.68
Sensibilidade Orientadora	179	3.07	6.53	4.81	.70

As médias obtidas nas diferentes dimensões s foram muito semelhantes entre si, sendo a sensibilidade orientadora e o afecto negativo as escalas com pontuação mais elevada e mais baixa, respectivamente.

Tabela 12. Correlações Inter-Subescalas do ATQ-SF

	Extroversão	Afecto Negativo	Sensibilidade Orientadora
Controlo com Esforço	-.021	-.382**	-.096
Extroversão		-.212**	.272**
Afecto Negativo			.224**

** $p < .01$; * $p < .05$

Na Tabela 12 podem verificar-se correlações significativas positivas entre a subescala de sensibilidade orientadora e a de extroversão, bem como com a de afecto negativo e associações significativas negativas são entre o afecto negativo e o controlo com esforço e a extroversão.

3.3. Análise Correlacional

3.3.1. Associação entre problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar (CBCL 1^{1/2} – 5 anos) e práticas educativas maternas (PPI)

Na tabela 13, encontra-se a análise das correlações entre a adaptação da criança e as práticas educativas utilizadas pela mãe.

Tabela 13. Correlações entre as escalas do CBCL 1.5 -5 e PPI

	Disciplin a Apropria da	Disciplin a Rígida Inconsist ente	Disciplin a Verbal Positiva	Monitori zação	Punição Física	Elogios e Incentiv os	Expectat ivas Claras
React. Emoc.	.044	.259**	-.156*	-.179**	.249**	.114	.062
Ans./Depr.	.011	.171*	-.257**	-.092	.113	-.074	-.043
Q. Som.	.030	.162*	-.128*	-.196**	.160*	.023	.019
Isolam.	.019	.211**	-.257**	-.176**	.134*	-.033	.007
P. Sono	-.028	.248**	-.104	-.214**	.063	-.011	-.061
P. Aten.	.029	.208**	-.149*	-.159*	.123	-.007	-.105
C. Agres.	.113	.357**	-.242**	-.147*	.262**	.048	-.061
P. Extern.	.096	.343**	-.242**	-.155*	.241**	.031	-.088
P. Intern.	.028	.255**	-.258**	-.213**	.226**	.017	.008
Total	.072	.330**	-.249**	-.224**	.241**	.023	-.035

** $p < .01$; * $p < .05$

Verificou-se que práticas disciplinares rígidas e inconsistentes, disciplina verbal positiva, monitorização e punição física estão correlacionadas significativamente com os problemas de adaptação da criança. A disciplina rígida e inconsistente e a punição física encontram-se positivamente correlacionadas com problemas de externalização e internalização na criança de forma moderada a fraca, respectivamente. A disciplina verbal positiva e a monitorização estão associadas, de forma negativa e fraca, a problemas de externalização e internalização. Verificou-se que a disciplina rígida e inconsistente é a prática que mais se associou a problemas de adaptação da criança. As escalas disciplina apropriada, elogios e incentivos e expectativas claras não se encontram correlacionadas significativamente com problemas de adaptação.

3.3.2. Associação entre práticas educativas maternas (PPI) e temperamento materno (ATQ-SF)

Na tabela 14 são apresentadas as correlações entre o temperamento materno e as práticas educativas maternas.

Tabela 14. Correlações entre as escalas do PPI e ATQ-SF

	Controlo com Esforço	Extroversão	Afecto Negativo	Sensibilidade Orientadora
Disciplina Apropriada	-.148*	.021	.072	.108
Disciplina Rígida e Inconsistente	-.002	.224**	-.071	-.116
Disciplina Verbal Positiva	-.064	.032	-.108	.027
Monitorização	.188**	-.039	-.094	-.009
Punição Física	-.067	.128	.035	-.097
Elogios e Incentivos	-.179*	.030	.047	-.062
Expectativas Claras	-.013	.015	.059	.006

** $p < .01$; * $p < .05$

Globalmente, as associações significativas poucas foram e de fraca magnitude. Destaca-se o controlo com esforço, correlacionado negativamente com a disciplina apropriada e os elogios e incentivos, e positivamente com a monitorização. A escala de extroversão correlacionou-se de forma positiva com a disciplina rígida e inconsistente. As dimensões de temperamento materno afecto negativo e sensibilidade orientadora não se mostraram correlacionadas significativamente com nenhuma das estratégias educativas da mãe.

3.3.3. Associação entre temperamento materno (ATQ-SF) e problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar (CBCL 1^{1/2} – 5 anos)

As correlações entre o temperamento da mãe e os problemas de adaptação da criança são apresentadas na Tabela 15. Verificou-se que a dimensão de temperamento materno afecto negativo apresentou correlações fracas com problemas de externalização e de internalização na criança. Salienta-se a correlação significativa positiva fraca entre afecto negativo materno e reactividade emocional da criança. A dimensão controlo com esforço correlacionou-se de forma negativa e fraca com a reactividade emocional na criança. As dimensões de temperamento da mãe extroversão e sensibilidade orientadora não apresentaram correlações significativas com os problemas de adaptação da criança. Numa análise global, conclui-se que as dimensões do temperamento da mãe estão pouco associadas aos problemas de adaptação da criança.

Tabela 15. Correlações entre as subescalas do CBCL 1.5-5 e ATQ-SF

	Controlo com Esforço	Extroversão	Afecto Negativo	Sensibilidade Orientadora
React. Emoc.	-.158*	.041	.250**	.117
Ans./Depr.	-.044	.038	.112	.062
Q. Som.	-.044	.007	-.011	-.048
Isolam.	-.026	-.060	.162*	-.012
P. Sono	.018	.020	.192**	.049
P. Aten.	.062	.027	.061	.062
C. Agres.	-.085	.054	.169*	.008
P. Extern.	-.059	.053	.162*	.029
P. Intern.	-.087	.016	.168*	.034
Total	-.062	.042	.168*	.040

** $p < .01$; * $p < .05$

Em seguida, explorámos se mães com maior nível de escolaridade (conclusão do ensino superior) e mães com menor nível de escolaridade (inferior ou igual a 12 anos) utilizam práticas educativas diferentes (na tabela 16 é apresentado o teste U de Mann-Whitney).

Tabela 16. Teste U de Mann-Whitney para a escolaridade das mães e práticas educativas

Práticas Educativas e Escolaridade da Mãe		Valor-p	Mean Rank
Disciplina Apropriada	≤12 anos	.512	79,79
	concluiu ensino superior		84,68
Disciplina Rígida e Inconsistente	≤12 anos	.069	90,01
	concluiu ensino superior		76,47
Disciplina Verbal Positiva	≤12 anos	.104	75,77
	concluiu ensino superior		87,90
Punição Física	≤12 anos	.004*	94,41
	concluiu ensino superior		72,95
Elogios e Incentivos	≤12 anos	.007*	93,63
	concluiu ensino superior		73,57
Expectativas Claras	≤12 anos	.859	83,23
	concluiu ensino superior		81,91
Monitorização	≤12 anos	.226	77,50
	concluiu ensino superior		86,51

* $p < .05$

Verifica-se que as mães que concluíram o ensino superior utilizam menos as práticas punitivas e os elogios e incentivos do que as mães com 12 anos de escolaridade ou menos. Embora sem atingir a significância estatística observa-se uma tendência para as mães que concluíram o ensino superior utilizarem menos a disciplina rígida e inconsistente.

Quanto à análise das diferenças entre práticas educativas de mães com um filho e de mães com mais filhos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver tabela 17).

Tabela 17. Teste U de Mann-Whitney para o número de filho e as práticas educativas

Práticas Educativas e Número de Filhos		Valor-p	Mean Rank
Disciplina Apropriada	1 filho	.269	83,08

	Mais do que 1 filho		74,88
Disciplina Rígida e Inconsistente	1 filho		78,64
	Mais do que 1 filho	.888	77,60
Disciplina Verbal Positiva	1 filho		80,00
	Mais do que 1 filho	.663	76,77
Punição Física	1 filho		81,14
	Mais do que 1 filho	.493	76,07
Elogios e Incentivos	1 filho		69,54
	Mais do que 1 filho	.066	83,20
Expectativas Claras	1 filho		79,22
	Mais do que 1 filho	.790	77,25
Monitorização	1 filho		81,67
	Mais do que 1 filho	.424	75,74

4. Discussão

Na presente secção pretende-se discutir os resultados apresentados anteriormente, de acordo com a ordem dos objectivos definidos para este estudo.

Este estudo teve como objectivo contribuir para melhor compreender a parentalidade, ao explorar dimensões relacionadas com a criança e com a mãe. Nesse sentido, esta investigação tem como objectivos específicos analisar as relações entre a) temperamento materno e práticas educativas utilizadas pela mãe, b) práticas educativas maternas e problemas de adaptação da criança, c) temperamento materno e problemas de adaptação da criança, d) a escolaridade materna e práticas educativas utilizadas e e) número de filhos e práticas educativas maternas.

De seguida, a amostra é caracterizada quanto às três variáveis em estudo (temperamento materno, práticas educativas da mãe e problemas de adaptação da criança em idade pré-escolar) e discutidas as relações entre as mesmas.

4.1. Caracterização do temperamento materno, práticas educativas utilizadas e problemas de adaptação da criança

No temperamento da mãe, verificou-se que as dimensões com valores mais elevados foram a sensibilidade orientadora e controlo com esforço, ainda que a diferença relativamente às dimensões extroversão e afecto negativo seja mínima. As médias obtidas são, globalmente, inferiores às encontradas por Evans & Rothbart (2007) numa amostra de 700 participantes com a versão de 100 itens do ATQ.

No domínio das práticas educativas, a prática mais reportada pelas mães foram a monitorização, seguida de disciplina verbal positiva. As práticas que apresentaram valores mais baixos foram a punição física e a disciplina rígida e inconsistente. É expectável que práticas negativas sejam as menos reportadas, por motivos como o facto de cerca de metade da amostra ser constituída por mães que concluíram o ensino superior, o que segundo a literatura sugere menor recurso a práticas negativas (Hasanvand, Khaledi & Merati, 2012), ou um eventual enviesamento resultante da influência da desejabilidade social no auto-relato da utilização de práticas negativas, ou o facto de ser uma amostra comunitária onde não são esperadas perturbações significativas.

Ao nível dos problemas de adaptação da criança, os valores mais elevados surgiram em itens da escala de comportamento agressivo. A dimensão menos reportada pelas mães foi a de isolamento. Numa análise às principais dimensões, verificou-se que os valores de problemas de externalização são superiores aos de internalização, o que é congruente com estudos anteriores com esta faixa etária (Rescorla et al., 2011; Rescorla et al., 2012; Gardner & Shaw, 2008).

4.2. Relações entre as variáveis em estudo

As associações encontradas entre as dimensões do temperamento materno e as práticas educativas utilizadas são fracas. Constatou-se que mães com níveis mais elevados de controlo com esforço tendiam a reportar maior utilização da monitorização, e menor de disciplina apropriada e elogios e incentivos. Anteriormente, Atzaba-Poria et al. (2014) não encontrou relações entre práticas positivas e temperamento materno. Tendo em conta a definição de controlo com esforço e dado que a monitorização parental se refere a um conjunto de comportamentos parentais que envolvem atenção e localização das actividades da criança (Peterson, Ewigman, & Kivlahan, 1993, p. 934, cit. por Dishion & McMahon, 1998), a associação entre elevado controlo com esforço e maior monitorização da criança enquanto prática positiva parece coerente. Em contrapartida é difícil encontrar uma justificação consistente com o modelo de Temperamento de Rothbart que justifique o menor uso de disciplina apropriada e elogios por estas mães.

O traço de temperamento materno extroversão surgiu correlacionado com a disciplina rígida e inconsistente. Podemos colorir como hipótese que os maiores níveis de actividade e necessidade de socialização associados à elevação do traço de extroversão possam levar a que a mãe não seja consistente na aplicação das práticas educativas.

Em contrapartida, a dimensão de temperamento materno afecto negativo não apresenta correlações significativas com as práticas educativas da mãe, o que não é congruente com estudos anteriores que verificaram que as mães com maiores níveis de afecto negativo utilizavam mais as práticas educativas negativas (Atzaba-Poria et al., 2014).

Foram encontradas associações significativas positivas, fracas a moderadas, entre as práticas utilizadas pela mãe e os problemas de adaptação da criança. As correlações entre práticas negativas (disciplina rígida e inconsistente e punição física) e níveis superiores de problemas de externalização (e.g., comportamento agressivo) e de internalização na criança vão ao encontro da literatura (Atzaba-Poria et al., 2014; Stormshak, et al., 2000; Webster-

Stratton, 2011). Hasanvand et al. (2012) conclui que quando maior a utilização de punição física, mais agressividade a criança demonstra, o que é suportado pelos dados deste estudo. Uma das explicações apontada por estes autores é a da agressividade nas crianças como comportamento aprendido através da imitação dos pais. As crianças cujas mães utilizam práticas educativas positivas, nomeadamente disciplina verbal positiva e monitorização, tendem a apresentar menos problemas de adaptação, o que é congruente com os dados da literatura (Atzaba-Poria et al., 2014; Stomrshak et al., 2000; Tichovolsky et al., 2013). A utilização de disciplina apropriada, elogios e incentivos e expectativas claras não se mostrou correlacionada com os problemas de adaptação da criança.

No que diz respeito à relação entre o temperamento materno e os problemas de adaptação da criança, conclui-se que a dimensão de afecto negativo foi a que mais se associou a problemas de adaptação da criança, como problemas de externalização, de internalização, reactividade emocional, problemas de sono e comportamento agressivo. Em contrapartida, verificou-se que maior controlo com esforço materno estava relacionado com menores níveis de reactividade emocional na criança. Estes dados são congruentes com as conclusões de Atzaba-Poria et al. (2014). As dimensões maternas de extroversão e sensibilidade orientadora não se mostraram associadas a problemas de adaptação das crianças.

Apesar de não se conhecerem outros estudos que explorem as relações entre dimensões temperamentais maternas e problemas de adaptação da criança, estudos com dimensões da personalidade podem ser utilizados para melhor se enquadrar as correlações negativas encontradas entre controlo com esforço materno e reactividade emocional na criança. Menores níveis de estabilidade emocional como traço de personalidade materno (capacidade para controlar impulsos e lidar eficazmente com *stressores*) estão associados a mais problemas de externalização na criança (Aken et al., 2007), o que vai ao encontro das correlações da presente investigação.

Atendendo a que o temperamento é, em parte, hereditário, não podemos excluir que a hereditariedade contribua para explicar algumas das associações encontradas (Sanson & Rothbart, 1995).

Adicionalmente, verificou-se que existiam diferenças nas práticas utilizadas pela mãe com diferentes níveis de escolaridade, sendo que as mães com escolaridade igual ou inferior a 12 anos utilizavam mais a punição física e os elogios e incentivos, o que vai ao encontro da literatura, que conclui que os pais com menores níveis de escolaridade tendiam a utilizar mais a punição física como prática educativa (Hasanvand et al., 2012). No que concerne à

exploração do tipo de práticas educativas utilizadas em relação ao número de filhos, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

5. Conclusões

Este estudo permitiu contribuir para o conhecimento da relação entre o temperamento materno na adaptação da criança e nas práticas que são utilizadas na educação da criança numa idade importante do ponto de vista desenvolvimentista para a prevenção e diminuição de problemas de adaptação. Mães com maior controlo com esforço tendem a utilizar monitorização, enquanto mães mais extrovertidas utilizam mais práticas disciplinares rígidas e/ou inconsistentes. O afecto negativo materno associa-se a problemas de adaptação na criança.

As práticas positivas associam-se a menos problemas de internalização e as práticas negativas a mais problemas de externalização. Estes resultados vêm dar relevo à importância das práticas educativas que a mãe utiliza e os problemas de adaptação da criança ainda que as associações encontradas sejam fracas. É importante também ter em conta que a relação entre estas variáveis pode ser bidireccional, isto é, a associação encontrada poderá ser explicada com as práticas a aumentar a probabilidade de problemas de adaptação ou a serem os problemas de adaptação que aumentam a probabilidade de práticas negativas. Estas conclusões poderão contribuir para informar programas de prevenção de problemas de adaptação da criança pré-escolar bem como os seus resultados. As associações entre o temperamento materno e as estratégias utilizadas pela mãe permitem maior compreensão da parentalidade, ainda que sejam fundamentais mais estudos que contemplem variáveis maternas, e, em particular, o temperamento.

Os resultados deste estudo devem ser interpretados tendo em conta as suas limitações. Tratou-se de uma amostra conveniência, o que destaca o cuidado que deve ser tido na generalização dos resultados. A não-normalidade da amostra contribuiu para uma limitação em termos dos testes estatísticos possíveis de ser efectuados. O facto de este ser um estudo transversal, em que os dados resultam das respostas de um informante (a mãe) num momento único, não permite que sejam estabelecidas relações causais entre as variáveis uma vez que não existem medições continuadas no tempo. As medidas de temperamento materno e práticas educativas são de auto-relato, enquanto o instrumento que avalia os problemas de adaptação da criança é de hetero-relato.

No entanto, este estudo contribui para o conhecimento do papel das práticas educativas no processo de desenvolvimento da criança, bem como acrescentar informação à escassa literatura sobre temperamento do adulto, principalmente ao nível do papel do afecto negativo e do controlo com esforço.

Como futuras direcções, seria interessante realizar um estudo longitudinal e incluir outros informadores como a figura paterna, bem como considerar a expansão da amostra para grupos clínicos e/ou outras faixas etárias.

Referências

- Abdi, B. (2008). Social Skills and Behavior Problems of Iranian Preschoolers. *Journal of Iranian Psychologists*, 4(16), pp. 333-342.
- Achenbach, T. M. (1982). *Developmental Psychopathology*. New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Aken et al. (2007). Parental Personality, Parenting and Toddlers' Externalising Behaviours. *European Journal of Personality*, 21(8), pp. 993-1015.
- Atzaba-Poria, N., Deater-Deckard, K., & Bell, M. A. (2014). It takes more than one for parenting: How do maternal temperament and child's problem behaviors relate to maternal parenting behavior?. *Personality and Individual Differences*, vol. 69, pp. 81-86.
- Azevedo, A. F. (2013). O Programa de Intervenção Parental 'Anos Incríveis': Eficácia numa amostra de crianças portuguesas de idade pré-escolar com comportamentos de PH/DA (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra). Retirado de <http://hdl.handle.net/10316/24281>
- Bates, J. E., Maslin, C. A., & Frankel, K. A. (1985). Attachment security, mother-child interaction, and temperament as predictors of behavior problem ratings at age of three years. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1-2), pp. 167-193. DOI: 10.1111/1540-5834.ep11890047.
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: A process model. *Child Development*, 55, pp. 83-96.
- Belsky, J., & Barends, N. (2002). Personality and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and Becoming a Parent* (pp. 415–438). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Burlaka, V., Bermann, E. A., & Graham-Bermann, S. A. (2014). Internalizing Problems in At-Risk Preschoolers: Associations with Child and Mother Risk Factors. *Journal of Child and Family Studies*, 24(9), pp. 2653-2660.

- Campbell, S. B. (1995). Behavior Problems in Preschool Children: A Review of Recent Research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36(1), pp. 113-149.
- Côté, S., Vaillancourt, T., LeBlanc, J. C., Nagin, D. S., & Tremblay, R. E. (2006). The development of physical aggression from toddlerhood to pre-adolescence: a nation wide longitudinal study of Canadian children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34, pp. 71–85.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113(3), pp. 487-496.
- Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (1990). Mechanisms in the Cycle of Violence. *Science*, 250, pp. 1678 – 1683.
- Egger, H., & Angold, A. (2006). Common emotional and behavioral disorders in preschool children: Presentation, nosology and epidemiology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, pp. 313–337.
- Eisenberg, N., Sadovsky, A., Spinrad, T. L., Fabes, R. A., Losoya, S. H., Valiente, C., Reiser, M., Cumberland, A., & Shepard, S. A. (2005). The relations of problem behavior status to children's negative emotionality, effortful control, and impulsivity: Concurrent relations and prediction of change. *Developmental Psychology*, 41, pp. 193-211.
- Evans, D. E., & Rothbart, M. K. (2007). Developing a model for adult temperament. *Journal of Research in Personality*, 41, pp. 868–888.
- Evans, D. E., & Rothbart, M. K. (2009). A two-factor model of temperament. *Personality & Individual Differences*, 47(6), pp. 565-570. doi:10.1016/j.paid.2009.05.010.
- Gardner, F. & Shaw, D. (2008). Behavioral problems of infancy and preschool children (0-5). In M. Rutter, D. Bishop, D. Pine, S. Scott, J. Stevenson, E. Taylor, & A. Thapar (Ed.). *Rutter's Child and Adolescent Psychiatry* 5ª edição (pp. 882-893). Oxford: Blackwell.
- Goldsmith, H. H., Buss, A. H., Plomin, R., Rothbart, M. K., Thomas, A., Chess, S., et al. (1987). Roundtable: What Is Temperament? Four Approaches. *Child Development*, 58, pp. 505-529.

Goodman, S. H. (1997). The Parental Discipline-Child Behavior Problems Puzzle: Some New Pieces. *Psychological Inquiry*, 8(3), pp. 192-194.

Hanisch, C., Freund-Braier, I., Hautmann, C., Jänen, N., Plück, J., Brix, G., et al. (2010). Detecting Effects of the Indicated Prevention Programme for Externalizing Problem Behaviour (PEP) on Child Symptoms, Parenting, and Parental Quality of Life in a Randomized Controlled Trial. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 38, pp. 95-112. doi:10.1017/S1352465809990440.

Hoeve, M., Dubas, J. S., Eichelsheim, V. I., Van Der Laan, P. H., Smeenk, W., & Gerris, J. R. M. (2009). The relationship between parenting and delinquency: A meta-analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, pp. 749–775. doi:10.1007/S10802-009-9310-8.

Jester, J. M., Nigg, J. T., Adams, K., Fitzgerald, H. E., Puttler, L. I., Wong, M. M., et al. (2005). Inattention/hyperactivity and aggression from early childhood to adolescence: heterogeneity of trajectories and differential influence of family environment characteristics. *Development and Psychopathology*, 17, pp. 99–125.

Lee, S. J., Cloninger, C. R., Park, S. H. & Chae, H. (2015). The association of parental temperament and character on their children's behavior problems. *PeerJ*, pp. 1-11.

Lima, M. P., & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico?. *Análise Psicológica*, 2(XVIII), pp. 171-179.

McAdams, D. P., & Pals, J. L. (2006). A new Big Five: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist*, 61(3), pp. 204–217. doi:10.1037/0003066X.61.3.204).

Mackenbach, J. D., Ringoot, A. P., Ende, J., Verhulst, F. C., Jaddoe, V. W. V., Hofman, A., et al. (2014). Exploring the Relation of Harsh Parental Discipline with Child Emotional and Behavioral Problems by Using Multiple Informants. The Generation R Study. *PLoS ONE* 9(8), pp. 1-9. doi:10.1371/journal.pone.0104793.

McCrae, R. R., Costa, P. T., Jr., Ostendorf, F., Angleitner, A., Hrebickova, M., Avia, M. D., et al. (2000). Nature over nurture: temperament, personality, and life span development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, pp. 173– 186.

McLeod, B. D., Weisz, J. R., & Wood, J. J. (2007). Examining the association between parenting and childhood depression: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 27, pp. 986–1003. doi:10.1016/J.Cpr.2007.03.001.

Nixon, R. D. V. (2002). Treatment of behavior problems in preschoolers: A review of parent training programs. *Clinical Psychology Review*, 22, pp. 525-546.

Ollendick, T. H., & King, N. J. (1994). Diagnosis, Assessment, and Treatment of Internalizing Problems in Children: The Role of Longitudinal Data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62(5), pp. 918-927.

Olson, S. L., & Rosenblum, K. (1998). Preschool Antecedents of Internalizing Problems in Children Beginning School: The Role of Social Maladaptation. *Early Education and Development*, 9(2), pp. 117-129, doi: 10.1207/s15566935eed0902_1.

Paiva, P. S. (2005). *De pequenino se torce o Práticas educativas parentais: Um estudo com pais de crianças em idade pré-escolar*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra).

Putnam, S. P., & Stifter, C. A. (2008). Reactivity and Regulation: The Impact of Mary Rothbart on the Study of Temperament. *Infant and Child Development*, 17, pp. 311-320. DOI: 10.1002/icd.583.

Rescorla, L. A., Achenbach, T. M., Ivanova, M. Y., Harder, V. S., Otten, L., Bilenberg, N., et al. (2011). International Comparisons of Behavioral and Emotional Problems in Preschool Children: Parents' Reports From 24 Societies. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 40(3), pp. 456–467.

Rescorla, L. A., Achenbach, T. M., Ivanova, M. Y., Bilenberg, N., Bjarnadottir, G., Denner, S., et al. (2012). Behavioral/emotional problems of preeschoolers: Caregiver/teacher reports from 15 societies. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, XX(X), pp. 1-14.

Rothbart, M. K. (2004). Temperament and the Pursuit of an Integrated Developmental Psychology. *Merrill-Palmer Quarterly*, 50(4), pp. 492-505.

Rothbart, M. K. (2007). Temperament, Development, and Personality. *Current Directions in Psychological Science*, 16(4), pp. 207-212.

Rothbart, M. K. (2012). *Temperament*. Retirado de <http://www.child-encyclopedia.com/sites/default/files/dossiers-complets/en/temperament.pdf>.

Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., & Evans, D. E. (2000). Temperament and Personality: Origins and Outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), pp. 122-135.

Rothbart, M. K., Derryberry, D., & Posner, M. I. (1994). A psychobiological approach to the development of temperament. In J. E. Bates & T. D. Wachs (Eds.), *Temperament: Individual differences at the interface of biology and behavior* (pp. 83-116). Washington, DC: American Psychological Association.

Rothbart, M. K., & Maccoby, E. E. (1966). Parents' differential reactions to sons and daughters. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4(3), pp. 237-243.

Rothbaum, F., & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116, pp. 55-74.

Sachs-Ericsson, N., Verona, E., Joiner, T., Preacher, K. J. (2006). Parental verbal abuse and the mediating role of self-criticism in adult internalizing disorders. *Journal of Affective Disorders*, 93(1-3), pp. 71-8.

Sanson, A., & Rothbart, M. K. (1995). Child temperament and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Applied and practical parenting* (Vol. 4, pp. 299-321). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Schaffer, H. R. (1991). The Mutuality of Parental Control in Early Childhood. In M. Lewis & S. Feinman (Eds.), *Social Influences and Socialization in Infancy* (pp. 165-184). New York: Plenum Press.

Shala, M. (2013). Differences in Behaviour Problems among Preschool Children: Implications for Parents. *Journal of Educational and Social Research*, Vol. 3(7), pp. 716-720.

Shala, M., & Dharmo, M. (2013). Prevalence of Behavioural and Emotional Problems among Two to Five Years Old Kosovar Preschool Children—Parent's Report. *Psychology*, 4(12), pp. 1008-1013.

Shaw, D. S., Dishion, T. J., Supplee, L., Gardner, F., & Arnds, K. (2006). Randomized trial of a family-centered approach to the prevention of early conduct problems: 2-year effects of the

family check-up in early childhood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74, pp. 1–9.

Stormshak, E., Bierman, K., McMahon, R., & Lengua, L. (2000). Parenting Practices and Child Disruptive Behavior Problems in Early Elementary School. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(1), 17-29.

Tichovolsky, M. H., Arnold, D. H., & Baker, C. N. (2013). Parent predictors of changes in child behavior problems. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34, pp. 336-345.

Watson, D., & Clarke, L. A. (1992). On traits and temperament: General and specific factors of emotional experience and their relation to the five-factor model. *Journal of Personality*, 60, pp. 441–476.

Webster-Stratton, C., Reid M. J., Hammond, M., (2004). Preventing conduct problems, promoting social competence: A parent and teacher partnership in Head Start.

Anexos

Anexo I. Protocolo de Consentimento Informado e explicação sumária da investigação



Faculdade de Psicologia
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Caras Mães,

Vimos convidá-la a participar no estudo “Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar”, organizado pelo Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL), coordenado pela Prof^a Doutora Luísa Barros e que tem como objetivo conhecer melhor o comportamento das crianças entre os 3 e os 5 anos, as características das mães e dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos.

Todas as famílias de crianças dos 3 aos 5 anos são convidadas a participar. Para participarem, terão de entregar o formulário de consentimento que se encontra no final da página. Antes de o preencher, por favor leiam atentamente as informações abaixo.

O que é este Projeto?
É um projeto de investigação que pretende estudar o comportamento das crianças entre os 3 e os 5 anos as características das mães e dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos.
Se aceitar participar, o que me é pedido?
Nesta primeira fase pedimos às mães que assinem esta autorização na folha anexa e a devolvam à educadora dos filhos. Em seguida será enviado para casa das mães que aceitaram participar no estudo, através da educadora da criança, um envelope com um conjunto de questionários relacionados com o comportamento das crianças, as características das crianças e das mães, e as estratégias que usam para educar os filhos, e um envelope para sua devolução. Após o preenchimento, os questionários deverão ser devolvidos à educadora, no envelope fechado e sem identificação. Calculamos que os questionários demorem cerca de 45 minutos a preencher.
Qual a vantagem de participar?
A informação recolhida nos questionários e analisada pela equipa permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre as características das crianças e das mães e sobre o comportamento infantil e as estratégias educacionais maternas. Este conhecimento é fundamental para desenvolver programas de apoio aos pais com maiores dificuldades na educação dos filhos.
Sou obrigado a participar?
A participação é voluntária, mas é muito importante para nós termos o maior número possível de participantes. Se recusar participar neste estudo, isso não afetará a sua relação com o estabelecimento de ensino nem os cuidados prestados ao seu educando. A participação no estudo pode ser interrompida em qualquer momento.
Quem tem acesso aos dados?
Os dados recolhidos são totalmente confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados individuais. Cada questionário terá um código que permitirá identificar as respostas e que apenas será conhecido pelos investigadores do projeto.
Os resultados coletivos, resultantes da combinação das respostas de todos os participantes, serão tornados acessíveis aos pais que assim o pretendam no final do estudo.
Se precisar de mais informação, com quem deve contactar?
Por favor, contacte com a responsável, Prof ^a Doutora Luísa Barros, através do e-mail: lbarros@psicologia.ulisboa.pt.

PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO

Projeto: Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar

Código: ■ ■ ■ ■ ■

Eu, _____, encarregado de educação de _____, li a informação fornecida e (assinalar com uma cruz a opção escolhida).

☐ Aceito participar no Projeto

☐ Não aceito participar no Projeto

Assinatura: _____ Data: _____